

## Prefácio

Paulo Marchiori Buss

SciELO Books / SciELO Livros / SciELO Libros

LIMA, NT., FONSECA, CMO., and SANTOS, PRE., orgs. *Uma escola para a saúde* [online]. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 2004. 268 p. ISBN 85-7541-047-4. Available from SciELO Books <<http://books.scielo.org>>.



All the contents of this work, except where otherwise noted, is licensed under a Creative Commons Attribution-Non Commercial-ShareAlike 3.0 Unported.

Todo o conteúdo deste trabalho, exceto quando houver ressalva, é publicado sob a licença Creative Commons Atribuição - Uso Não Comercial - Partilha nos Mesmos Termos 3.0 Não adaptada.

Todo el contenido de esta obra, excepto donde se indique lo contrario, está bajo licencia de la licencia Creative Commons Reconocimiento-NoComercial-CompartirIgual 3.0 Unported.

## PREFÁCIO

---

**D**os 50 anos da Escola Nacional de Saúde Pública (Ensp), vivi intensamente os últimos 30. Nela ingressei como auxiliar de ensino em março de 1976, depois de ter realizado um curso de administração e planejamento materno-infantil no segundo semestre de 1975, sob a coordenação de Mário Hamilton, Susana Badino e Célia Almeida, como complemento ao meu mestrado em medicina social que fazia na Universidade do Estado do Rio de Janeiro (Uerj). Logo depois, dona Elsa Paim convidou-me para colaborar na supervisão do trabalho de campo do curso de saúde pública de 1975, e daí tudo começou.

Quando lá cheguei havia uma efervescência absoluta na Escola. Pelas mãos de Arlindo Fábio e outros pioneiros, a Ensp começava a descentralizar seus cursos de saúde pública, numa das mais fascinantes experiências da saúde pública continental, pois decidia-se a suprir a necessidade de formação de recursos humanos em saúde pública de um país imenso, com realidades muito diferentes, a partir de uma Escola localizada na estrutura do Ministério da Saúde e sediada no Rio de Janeiro. Voltarei depois a este assunto!

Na outra ponta, a da pesquisa, iniciava-se uma experiência definitivamente transformadora para a Ensp e para a saúde pública brasileira: a Financiadora de Estudos e Projetos (Finep), no âmbito do I Plano Básico de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (I PBDCT), criada no governo do ‘déspota esclarecido’, general Ernesto Geisel, passava a financiar o ressurgimento de Manguinhos, que se refletia na Ensp com a criação do Programa de Estudos Socioeconômicos em Saúde (Peses) e do Programa de Estudos Populacionais e Epidemiológicos (Peppe), sob a batuta de Eduardo Costa, Sergio Arouca e seu time, recém-chegados da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), de onde haviam sido ‘expulsos’.

A Ensp com que então entrei em contato era uma instituição cheia de promessas: uma interessante mistura de sanitaristas mais tradicionais, muitos deles oriundos da excepcional tradição do Serviço Especial de Saúde Pública (Sesp), com um grupo de vanguarda, academicamente bem titulado e originado de uma jovem universidade paulista. Arlindo Fábio, Elsa Paim, Eduardo Costa, Cynamon, Luíz Fernando, Arouca, Marília, Ana Tambelini, para citar apenas alguns, constituíam as referências para um grupo mais jovem, que chegava pelas mãos da Ensp ou do financiamento do Peses-Peppe.

E o contexto era, no mínimo, um primor de desafio: governo militar, recursos para pesquisa relativamente abundantes, a Escola espalhando-se pelo Brasil, um país que acelerava a industrialização e a urbanização. Era disso que a Ensp precisava tratar. E creio que o fez com galhardia e com refinada habilidade política e técnica.

Ao processo de descentralização dos cursos de saúde pública da Ensp, com a constituição de uma rede muito forte de núcleos em quase todos os estados brasileiros, seguiu-se a constituição de uma rede de residências em saúde pública e medicina preventiva e social, com o apoio do Instituto Nacional de Assistência Médica da Previdência Social (Inamps).

Herdeiros do Treinamento Avançado em Serviço (TAS), com o contexto favorável da valorização das residências médicas pelo Ministério da Educação e Cultura (MEC) – que constituíra a Comissão Nacional de Residência Médica – criamos a residência em saúde pública da Ensp, mas com características muito particulares: era multiprofissional e não apenas médica e desenvolvia-se em ‘áreas de prática’ concretas, isto é, no interior dos próprios serviços de saúde. Foram alunos deste programa docentes que hoje são referências no colegiado científico e técnico da Ensp e do mundo: Dora Schor, Pedro Barbosa, Marília Sá Carvalho, Sheila Lemos, Zulmira Hartz, Eduardo Levcovitz (Dadá), Luís Carlos Lima, Guido Palmeira, Evandro Coutinho, entre outros. Nildo Aguiar foi peça fundamental na constituição do programa de residência da Escola, como também do Programa de Apoio às Residências de medicina social, preventiva e saúde pública (PAR), como chamava-se a rede de residências. Francisco Campos, Jairnilson Paim e José Paranaguá Santana foram aqueles companheiros de todas as horas, que estiveram desde o início na formatação e, depois, no desenvolvimento do PAR.

Das duas redes mencionadas acima certamente nasceu a Associação Brasileira de Pós-Graduação em Saúde Coletiva (Abrasco), hoje uma poderosa associação de saúde coletiva, se levarmos em conta tanto o contexto continental quanto o contexto mundial.

Não há dúvidas de que o pujante processo desenvolvido pela Ensp no último lustro da década de 1970 foi a base fundamental sobre a qual se erigiu a Abrasco, hoje um orgulho para todos nós. Fico envaidecido ao constatar que estive envolvido de corpo e alma nesses dois processos sucessivos – o da formação da rede de programas de residência Ensp-Inamps e o do surgimento da Abrasco, dos quais fui, com um orgulho que não consigo disfarçar, o primeiro coordenador e secretário executivo, respectivamente.

Com a redemocratização do país, também recuperou-se um processo de maior autodeterminação da Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz), com a campanha que levou Sérgio Arouca à presidência da instituição, em 1985, no advento da Nova República. O então ministro da Saúde, Carlos Santana, e os sanitaristas Fabíola Aguiar Nunes e Eleutério Rodriguez Neto foram importantes ‘cúmplices’ nesta ‘conspiração’. Toda a Ensp empenhou-se a fundo para que seu ilustre professor ascendesse ao cargo máximo da Fiocruz. Nesse contexto, fomos, Frederico Simões Barbosa e eu, promovidos a diretor e vice-diretor da Ensp.

Entre 1986 e 1989 implementamos duas iniciativas decisivas para a construção da Ensp de hoje: por um lado, reforçamos a instituição com um programa de pesquisadores visitantes doutores, financiado com recursos próprios, mas executado pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), que trouxe pouco mais de 30 doutores, fundamentais para o reforço ao programa de pesquisa e para a retomada do pós-graduação *stricto sensu* (reabriu-se o doutorado em 1990). Por outro, com o fantástico apoio de Hésio Cordeiro e José Gomes Temporão, respectivamente presidente e diretor de Planejamento do Inamps, firmamos um convênio de cooperação técnica, através do qual passamos a receber recursos regulares que permitiram expandir os cursos, financiar pesquisas e, sobretudo, contratar quadros qualificados, o que não se conseguia com recursos do Tesouro.

Como diretor da Escola (1989-1992), tratamos de finalizar o que tínhamos iniciado nos cinco últimos anos de 1970; qual seja, agregar à qualidade técnica e política da Ensp um *status* acadêmico. A (re)criação do doutorado, o reforço da estratégia dos pesquisadores visitantes e um importante programa de incentivo ao doutoramento junto aos quadros da instituição foram estratégias implementadas, simultaneamente, com muita persistência e denodo. Os resultados foram excelentes: o programa de pós-graduação prosperou enormemente, abriram-se inúmeras áreas de concentração as vagas multiplicaram-se, e as teses e dissertações da

década de 1990 e dos primeiros anos deste século estão aí para testemunhar esta história.

Neste exame a vôo de pássaro dos meus 30 anos passados na Escola, gostaria de lembrar rapidamente os anos mais recentes, basicamente o meu segundo mandato (1998-2000). Ao retornar da vice-presidência da Fiocruz, durante um ano (1997) busquei construir uma nova área de conhecimento e prática, que considerava muito importante para a Escola e para a saúde pública brasileira: a promoção da saúde. Com o esforço iniciado nos dois anos anteriores, quando ainda estava na vice-presidência da Fiocruz, conseguimos, a partir de 1997, um apoio da Canadian International Development Agency (Cida) para o projeto conjunto da Escola e da Canadian Public Health Association (Ensp-CPHA), pelo qual creio que fincamos bases firmes para esta área antes não existente (ou não explicitada) no amplo universo de objetos de que trata a Ensp. José Roberto Ferreira foi fundamental, por todas as razões, para a construção desta empreitada.

Ao retornar à Ensp percebi o quanto ela se firmara na vida acadêmica, mas o quanto poderia e deveria agora se reaproximar do SUS. Era fazer o pêndulo institucional começar a voltar: de uma prioridade para o componente acadêmico tão importante intitulado, na nossa proposta de trabalho, ‘gestão da diversidade’, para a priorização da pesquisa e da formação para o SUS. Foi esta percepção simples e, obviamente, as condições objetivas que encontramos, que permitiram que emergisse a estratégia Escola de Governo em Saúde. O Programa de Educação a Distância, que iniciou na gestão de Adauto Araújo, era o ingrediente de ouro para que o reforço do compromisso da Escola com a pesquisa e a formação para o SUS passassem a vigorar.

Mais uma vez, a Escola movia-se: um grande debate se estabeleceu em torno da pós-graduação, da educação a distância, da estratégia Escola de Governo e do mestrado profissional. Outra vez a Ensp sai reforçada do debate e um conjunto muito significativo de novos programas de ensino, bem como o programa de pesquisa estratégica são desenhados e implementados pela comunidade científica da instituição.

Os desafios não cessam. Sem ser exaustivo e talvez com uma ponta de arrogância, permito-me pensar o que toca à Ensp nos próximos anos de sua caminhada, agora rumo ao centenário, depois de completar com brio e formosura os seus primeiros 50 anos.

Creio que precisamos reafirmar mais do que nunca o ‘papel e o compromisso nacional’ da Ensp. Isto significa que devemos procurar

diminuir a distância que separa os sanitaristas que estão na academia daqueles em atuação nos serviços do grande território brasileiro. Nesse sentido, certamente o fortalecimento e a ampliação do Programa de Educação a Distância estão entre os nossos principais desafios (e obrigações) dos próximos anos. A constituição de uma Rede Escola de Governo em Saúde, reunindo as escolas e departamentos existentes no país, com o apoio da Abrasco, beneficiaria substantivamente o alcance das ofertas educativas da Ensp e de seus parceiros, nos diversos segmentos do hoje complexo campo da saúde pública. Não há dúvida de que a expansão dos mestrados profissionais é inevitável e de que sua oferta como parte da educação a distância é uma questão de tempo (esperamos que o menor possível).

A organização de um consistente núcleo federal da Ensp em Brasília, em cooperação com a Diretoria Regional de Brasília (Direb), teria grande valia na formação e capacitação dos profissionais do Ministério da Saúde e de ministérios afins, como os do Desenvolvimento Social, das Cidades, da Agricultura (em saúde animal, por exemplo) etc. Vejo nesta iniciativa uma missão essencial para o futuro imediato, que certamente corresponde a demandas que há muito já vêm sendo colocadas pelo Ministério da Saúde para a Ensp e para a Fiocruz como um todo.

Da mesma forma, a abrangência de nossos estudos e pesquisas deve aspirar ao alcance nacional, sempre que possível. A constituição de bases nacionais próprias e cooperativas, utilizando-se os recursos já existentes em instituições co-irmãs e nas unidades da Fiocruz de Manaus, Recife, Brasília, Salvador, Belo Horizonte e Curitiba, precisam ser acionadas para os estudos de base populacional de caráter nacional, assim como os estudos do sistema de saúde, ambos hoje mais necessários do que nunca. A proposta de uma plataforma nacional de pesquisa estável, com núcleos permanentes em diversas localidades do país, deveria ocupar nossa imaginação, pois diz respeito ao futuro da Ensp no campo da pesquisa.

Finalmente, afirmo que inexistem motivos para adiarmos nossa presença mais forte na América Latina – particularmente no Cone Sul – e nos países lusofônicos da África. É necessário, para tanto, não só superar a retórica como buscar bases de financiamento mais consistentes e permanentes. É claro que diversas parcerias são necessárias para alcançar estes objetivos, seja com os organismos internacionais, o próprio governo brasileiro, e também com as organizações não-governamentais e doadores privados interessados.

Evidentemente deixei escapar muitas coisas objetivas e subjetivas nesta curta reflexão sobre os últimos 30 anos da Escola, assim como do

seu sonhado futuro. Ela expressa talvez apenas a visão particular de um apaixonado pela vida da nossa Ensp. Mas o restante do livro, com os artigos que abordam os diversos aspectos e sujeitos dessa história, organizados com muita competência pela equipe de pesquisa da Casa de Oswaldo Cruz (COC) e colaboradores, dá mais do que conta de um certo olhar para a vida complexa desta Escola tão querida. São olhares amorosos e, simultaneamente, plenos de sapiência e reflexão. As reflexões aqui contidas beneficiam a todos nós e certamente servirão de plataforma de lançamento para outras análises e visões que virão com o tempo. Mas este livro indiscutivelmente marcará uma base a ser sempre consultada.

Desde que ingressei na Ensp, com menos de 25 anos, dediquei o melhor do meu tempo e da minha paixão à saúde pública e a ela, muito particularmente. Alegro-me ao vê-la, cinqüentenária, cheia de vida e de sonhos, ainda espalhando paixão entre tantos que cruzam seus umbrais, na busca do conhecimento e do aperfeiçoamento da prática da saúde pública. Viva a Ensp, agora Sergio Arouca, por muitos e muitos anos!

*Paulo Marchiori Buss*

Professor Titular da Escola Nacional de  
Saúde Pública Sergio Arouca (Ensp)  
e Presidente da Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz)